

A SOBREVIVÊNCIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL: SUA INFLUÊNCIA NA LINGUAGEM POPULAR DA BAHIA (*)

YEDA PESSOA DE CASTRO, DO SETOR DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CEAQ

INTRODUÇÃO

A cidade do Salvador, Capital do Estado da Bahia (661.026 km² e 7.000.000 de habitantes), o maior Estado das regiões Leste-Nordeste do Brasil (8.511.965 km² e mais de 80.000.000 de habitantes), tornou-se durante quatro séculos de tráfico (séculos XVI a XIX) o mais importante centro comercial brasileiro de escravos de África.

Calcula-se em cinco mil por ano o número de importação, cifra esta aproximada desde quando não existem dados precisos pela falta absoluta de documentos oficiais sobre o tráfico que, por razões econômico-financeiras, logo decretada a abolição da escravatura no Brasil (13 de maio de 1888), foram totalmente queimados por Decreto de 14 de dezembro de 1890 do Ministro da Fazenda, por acaso um baiano, Ruy Barbosa.

Hoje, a cidade da Bahia, como Salvador já é tradicionalmente conhecida, é a maior cidade de população negra do Brasil, e dos seus oitocentos mil habitantes mais da metade é crioula ou mestiça de português e negro.

Tal contato de culturas resultaria num processo natural de interpretação lingüística, um dos mais notáveis aspectos de aculturação no Brasil, através do qual o Português, favorecido francamente por razões histórico-econômicas, só teve a lucrar, pois longe de deixar de ser padrão de ideal lingüístico, ganhou centenas de palavras de origem africana — os “africanismos” — que, acrescidos aos “tupinismos” — vocábulos da língua tupi-guarani dos aborígenas brasileiros — vieram aumentar consideravelmente o número dos chamados “brasileirismos” da língua, cuja contribuição para o enriquecimento do léxico do Português em geral e do Português do Brasil em particular é inestimável. Há uma grande quantidade de “africanismos” correntes em certas regiões do País ainda não dicionarizados. São os *regionalismos* dos chamados *salares brasileiros*, às várias modalidades de linguagem regional do Português do Brasil.

* De “The survival of the African Languages in Brazil: their influence upon the everyday speech of Bahia”. Comunicação ao II Congresso Internacional de Africanistas. Dacar, dezembro de 1968.

Graças à extensão territorial e às diferentes épocas de colonização, conseqüentemente de contatos a que ficaram sujeitas as várias regiões da Colônia — não só os colonos portugueses partiam em levadas sucessivas de todas as partes de Portugal, como os escravos procediam de diversos pontos da costa africana — o Português falado no Brasil, embora apresente notável unidade, se diversifica pelos *falares regionais*, em cujo léxico se acham as maiores diferenças dialetais, que não são grandes, mais devidas a uma evolução rápida, apressada por aloglotas do que à interferência de qualquer substrato ou adstrato, como bem acentua o Prof. Serafim da Silva Neto em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro, Brasil, 1963, págs. 129 a 131).

Dentre esses se destacam os *falares baianos*, as várias modalidades da linguagem regional da Bahia, que se mostram com características bem definidas nas áreas onde é maior a influência africana: o Recôncavo, região que circunda a Baía de Todos os Santos e Salvador, Capital do Estado e centro principal dessa região desde o século XVI, século da descoberta do Brasil pelos portugueses (1500).

Zonas arcaizantes por excelência, a primeira por tratar-se de zona rural, naturalmente conservadora, e a segunda, assim tornada por fatores históricos, falam um Português de substrato quinhentista, aspecto que de resto conservam todos os falares rurais do Brasil. Sobre tal substrato atuaram aloglotas, neste caso os escravos africanos que se meteram a falar a língua, que, se de um lado contribuíram para torná-la mais variada e expressiva, por outro lado contribuíram para torná-la ainda mais arcaizante.

Esse aspecto particular se apresenta na *linguagem popular da Bahia*, a linguagem das pessoas humildes da classe média e das classes bem modestas, o mais autêntico exemplo de aculturação na História da Língua entre nós.

Neste trabalho tentaremos mostrar que:

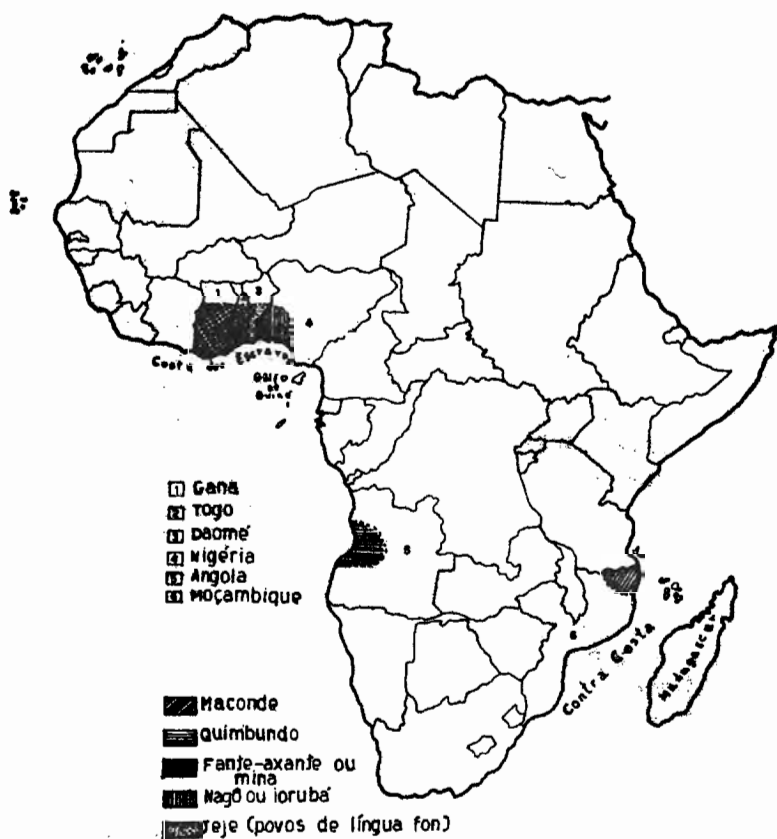
1 — a rigor não chegou a haver influência lingüística africana no Português do Brasil, salvo na parte de contribuição vocabular;

2 — é necessário que se distinga *contribuição vocabular de influência religiosa*;

3 — na Bahia, a contribuição vocabular das línguas africanas resultou também numa *influência paralela*: o fato de o enriquecimento do léxico, por sua vez já arcaizante, ter sido feito pela introdução de outros procedentes de línguas também arcaizantes;

4 — tal influência paralela deve-se em grande parte à influência religiosa, à chamada *língua-da-gente-de-santo*, dos adeptos dos cultos religiosos afro-brasileiros, ou candomblés;

5 — essa "gente" é quem tem oferecido as maiores resistências às modificações trazidas pelo *contato*, resguardando assim a língua com seus arcaísmos.



Regiões da África onde se encontram os grupos culturais e lingüísticos de que se dá notícia.

1 — Desde o princípio do tráfico no século XVI, escravos procedentes dos atuais territórios do Congo, Angola, Moçambique, Daomé (conhecidos no Brasil por Jeje) Gana e Togo-Cabo Verde e Cacheu em menor escala — foram desembarcados no pórtio da cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos, para daí então serem distribuídos pelas plantações de cana-de-açúcar e fumo do Recôncavo, pelos engenhos e fazendas, onde deixaram traços indiscutíveis de suas culturas. Temos nomes como Cambuta, Cambona, Caçarongongo, Cazumba, Calunga, para designar antigos engenhos e fazendas nessa área.

Até fins do século XVII, a população da cidade do Salvador era composta de uma minoria de brancos, e de um grande número de negros e "in-

dios" escravos. Estes últimos, rebeldes a qualquer tipo de trabalho forçado, retiraram-se para a zona mais interiorana das matas e florestas, provocando o aumento na importação de negros, a ponto de no século seguinte (século XVIII) haver uma média de quatro a cinco negros para cada branco em Salvador (V. Carlos Ott, *Formação e Evolução Étnica da Cidade do Salvador*, Prefeitura Municipal de Salvador, Bahia, 1957, Tomo II, Apêndice II).

O tupi-guarani falado até então vai desaparecer como *língua franca*, substituída nas senzalas pelas línguas africanas, mas em compensação deixa também uma extensa contribuição vocabular, notadamente na toponímia, nos falares baianos e no Português do Brasil (V. Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, Bahia, 1928). Ao contrário do que parece haver acontecido nas outras regiões do País, no Sul, por exemplo, na cidade de Salvador, pelo menos, essa contribuição não foi tão maior que a africana, se não chegou mesmo a ser menor. (Não nos é possível ainda precisar a intensidade dessa influência porque as pesquisas nesse campo estão em começo, e a bibliografia de que dispomos fica muito a desejar).

Resultou que no século XIX a cidade do Salvador era exemplo típico da coexistência de duas culturas diferentes: a portuguesa e a africana. Intensifica-se o comércio de negros procedentes da Costa dos Escravos, entre os quais parece ter havido uma predominância culturoológica dos *Nagô*, como são conhecidos os *Iorubá* da Nigéria Ocidental e do Baixo Daomé no Brasil, por ter sido a língua iorubá, ao lado da portuguesa, falada correntemente entre a população negra da cidade, que já naquela época possuía um número consideravelmente grande de crioulos.

Corria, então, um dialeto crioulo ou semicrioulo do tipo nagô ou iorubá.

Obrigados a falar português, êsse falar por certo era mesclado de palavras africanas adaptadas aos moldes lingüísticos de suas várias línguas de origem, tomando-se, no entanto, como nivelador o iorubá, língua de um grupo mais recente, chegado em levas numerosas e sucessivas (V. Carlos Ott, já citado), passando a gozar de grande prestígio sobre e entre os outros escravos, pelo fato de se acharem, medindo proporções de tempo e situando cada povo dentro do seu contexto histórico, num estágio mais adiantado de cultura em relação aos demais para cá trazidos desde o século XVI e espalhados pelo interior e Recôncavo, onde se encontram ainda hoje isolados, dentro de uma estrutura conservadora e arcaizante, como de resto é também a da cidade do Salvador, que sempre esteve interligada ao Recôncavo por uma linha histórica contínua.

Entende-se o porquê da superioridade dos *Nagô* no Brasil, superioridade essa que absolutamente não se deve tão só à cultura do grupo, como quer a maioria dos estudiosos de culturas africanas entre nós, mas às circunstâncias históricas favoráveis.

Passou essa fase de bilingüismo, vencida pelo prestígio social da língua dos brancos, cujo contingente aumentou consideravelmente com a transmissão da família real portuguesa para o Brasil (1808), acontecimento his-

tórico que veio trazer profundas modificações na estrutura sócio-econômica do País, mas que, à civilização densa da Bahia, por razões que veremos adiante, só conseguiu atingir aos poucos.

A influência que restou dessa fase foi realmente apreciável na parte de contribuição vocabular, pelo enriquecimento do léxico da Língua Portuguesa do Brasil em geral e dos falares baianos em particular, apesar de haver propiciado um conservantismo maior na linguagem popular da Bahia, aspecto que ainda hoje possui, pois a esta de fundo quinhentista, como de resto são os falares das zonas rurais brasileiras, acrescenta-se a ação de aloglotas procedentes de culturas igualmente arcaizantes, por serem rurais.

Hoje, a linguagem popular da Bahia é provavelmente o falar brasileiro mais acentuadamente marcado por traços de influência africana, principalmente partindo da influência religiosa dos chamados cultos afro-brasileiros, ou candomblés, de origem jeje-nagô e congo-angola.

II — A Capital do Brasil até meados do século XVII, com a mudança do governo Central para o Rio de Janeiro habituara-se a viver num insulamento quase completo graças à distância e à dificuldade de comunicação com a nova Capital. (Só há dois anos existe uma estrada pavimentada de mais de mil quilômetros ligando Salvador-Rio de Janeiro). Em consequência, mesmo tratando-se de um dos mais antigos e importantes centros urbanos do País, Salvador nunca deixou de ser uma cidade com aspecto arcaizantes de vida e de língua também, muito particularmente desta última, pois, se a interpretação já é fator atuante de conservantismo e nivelamento lingüístico, acrescenta-se a isso o fato de os africanos e seus descendentes, praticamente isolados de África desde meados do século XIX (1850), quando da proibição do tráfico para o Brasil, falarem uma língua de tipo também arcaizante.

Nessa contribuição muito provavelmente serão encontrados vários arcaísmos léxicos e até sintáticos de línguas africanas introduzidos no Português do Brasil, onde são correntes, usuais, assim como suas diferenças dialetais, seus modismos. As circunstâncias que tornaram Salvador numa cidade arcaizante; a atuação da preta africana, como mulher, naturalmente conservadora; o fato de os escravos procederem de culturas também arcaizantes, rurais; a fatalidade de se acharem isolados de África há bem um século, tudo isso vem reforçar essa possibilidade que se poderá provar através de um estudo acurado do vocabulário africano remanescente na Bahia.

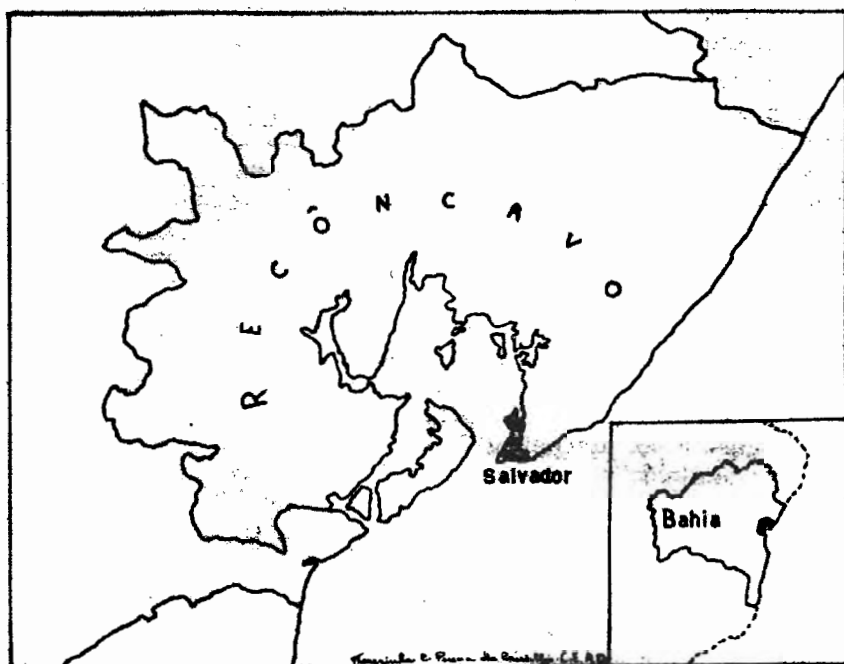
O questionário lingüístico que ora aplicamos nos candomblés do Recôncavo poderá responder quais as etnias africanas introduzidas na Bahia, e quais as línguas ou dialetos que falavam, mas as diferenças dialetais infelizmente sôzinhos não poderemos determinar. Neste ponto a dialetologia brasileira esbarra na dialetologia africana.

III — Qualquer pesquisa sôbre línguas africanas no Brasil deve de preferência ser dirigida para a contribuição vocabular, que continua a ser importantíssima e atuante na linguagem regional da Bahia e na Língua Portuguesa do Brasil.

Desnecessário é falar das mudanças morfológico-sintáticas que por acaso se fizeram sentir na redução e simplificação das flexões em Português, muitas delas atribuídas ainda à influência africana. Embora tomem aparência muito grave por abalar a estrutura da língua, vêm diminuir sensivelmente com o aumento de contingente de brancos e desaparecem aos poucos com a ação corretiva da escola, limitando-se à linguagem popular das classes bem humildes dos centros urbanos e dos meios rurais, onde o índice de analfabetismo é muito grande. É, portanto, uma influência a que se pode chamar de irrelevante, circunstancial e sem maiores consequências, pois muitas modificações, principalmente fonéticas, como a alternância r/l, a ela atribuídas, têm encontrado explicação dentro da própria história da língua. (V. Serafim da Silva Neto, já citado).

Salvo a contribuição vocabular, a rigor não poderemos dizer que tenha havido influência africana no Português do Brasil; senão falaríamos um dialeto crioulo ou semicrioulo do tipo de Cabo-Verde, da Guiné, das ilhas do Príncipe e São Tomé, ou então, favorecido pelo comércio intenso entre Bahia e África durante o último século de tráfico, uma das chamadas *línguas de comunicação*, como é o caso do “pidgin-english” corrente na Costa Ocidental da África e nos portos do Extremo Oriente. Teríamos uma “língua” de gramática muito simplificada, vocabulário deformado e mistura de elementos diversos, principalmente *nagó*.

Ao contrário. As línguas africanas que foram faladas no Brasil adaptaram-se, ou melhor, transformaram-se, segundo os padrões morfológico-sintáticos do Português, a ponto de perderem suas características primitivas, como o acento tonal, ganhando flexões e desinências, v.g., os verbos *sungar* (puxar para cima) e *zuelar* (falar demais) respectivamente do quimbundo “ku-sunga” e “ku-zuela”, com os mesmos significados; o substantivo *ebôzeiro* (o que faz o ebó, o feitiço) do iorubá “ebo”, com a terminação portuguesa *zeiro* (V. José Luiz Quintão, *Gramática do Kimbundo Edição “Descobrimentos”*, 1934, 1ª edição: *Dictionary of the Yoruba Language*, Oxford University Press, London, 1961, 7.ª edição); e até mesmo significações novas atribuídas a palavras já existentes, cujas etimologias tais e quais modificações tornaram de difícil identificação. É o caso entre outras da palavra *mungunzá* (bebida ou pudim feito de milho e leite-de-côco), de *calunga* (rato pequeno), de *bozó* (feitiço), de *jebejebe* (lugar distante, desconhecido) de *lelé* (confusão, barulho) — “brasileirismos” da Bahia — que muito provavelmente se ligam ao quimbundo “munkunza”, ao maconde “nñanyunga” (V. Viegas Guerreiro, *Rudimentos de Língua Maconde*, Lourenço Marques, 1963), ao fante-axante “bossom” (V. Rev. J. G. Christaller, *Dictionary of the Asante and Fante Language*, Basel, 1933), ao iorubá “ajeji agbebe” (V. Rev. Samuel Crowther, *A Vocabulary of the Yoruba Language*, Londres, 1852) e ao fon “djele” (V. Maurice Delafosse, *Manuel Dahoméen*, Ernest Leroux, Éditeur, Paris, 1894).



Área geográfica do Estado da Bahia conhecida por Recôncavo, circunscrevendo a Baía de Todos os Santos e a cidade de Salvador.

IV — No resto as línguas africanas se reduziram à linguagem ritual dos cultos religiosos afro-brasileiros, ou *candomblés*, limitadas a um grupo pequeno e bastante conservador, à chamada *língua-da-gente-de-santo-gente-de-santo* (é como se conhecem os adeptos desses cultos na Bahia) que, apesar de vir resistindo à interferência do prestígio crescente do Português, tem, no entanto, com o tempo, dele recebido uma boa influência morfológica e vocabular, notadamente nos *candomblés* de origem congolanga, os *candomblés-de-caboclo*, profundamente marcados pela influência também dos aborígenes brasileiros, o *caboclo*, que se acham não só espalhados em sua maioria pelo interior, como isolados há pelo menos dois séculos de África, quando começaram a diminuir as levadas de escravos bantos para o Brasil, substituídos que foram pelo Iorubá. Apesar das modificações por que têm passado, ainda é possível encontrar seus traços formais básicos, e, como tudo leva a crer, seu aspecto essencialmente arcaico.

Já nos *candomblés* de origem iorubá, mais recentes, concentrados em sua quase totalidade na cidade do Salvador, essa resistência por isso mesmo tem sido maior, e a língua vem-se conservando basicamente sem alterações, pois há bem um século — contando-se a partir da cessação do tráfico — acha-se resguardada como língua sagrada e ritual de qualquer tipo

de interferência lingüística estranha ao meio, inclusive mesmo de novas ondas lingüísticas de África, que viessem renovar ou modificar a sua estrutura arcaizante.

A grande influência que êses candomblés todos receberam não é recente, é muito antiga e profunda. Referimo-nos à influência *Jeje*, dos povos de língua fon procedentes do Daomé, ao que tudo indica. Parece ter sido essa a mais extensa e importante na Bahia, embora não seja a mais antiga, que é do Congo e de Angola. O fato, porém, é que na *língua-da-gente-de-santo*, sem falar nas cantigas rituais, se encontra um vasto vocabulário de procedência *Jeje*.

Nessa língua, as maiores resistências têm partido das *cantigas-de-santo* — os cânticos rituais de invocação aos deuses — graças ao seu aspecto não-profano, que faz tôdas elas conhecidas dentro do grupo por um grupo menor ainda, a dos iniciados nos mistérios da seita. Apesar de com o tempo, e por aprendidas de oitiva, terem sofrido profundas transformações morfológicas, conservam inalterado o seu simbolismo significativo, o que as tornam a um pesquisador arguto facilmente identificáveis, pois, para quem canta, não interessa saber o que canta, mas para que “santo” canta.

Não nos arriscamos a exemplificar arcaísmo de línguas africanas na linguagem popular da Bahia, ou na *língua-da-gente-de-santo*, nem tampouco tentar fazer um estudo comparativo dessas cantigas, por nos faltarem os dados necessários, que logo esperamos conseguir por pesquisas em África também, de igual natureza às que já se acham em pleno andamento na Bahia. Desnecessário é dizer da sua importância e dos dados preciosíssimos que certamente fornecerão para um melhor entendimento das culturas africanas e da civilização brasileira.

O fato é que dessa gente tem partido o maior número de “brasileirismos” da Língua Portuguesa chamados de “africanismos” que bem poderiam ser “afro-baianismos”.

V — A influência religiosa tem sido tão larga e profunda na Bahia, a ponto de interferir nos hábitos e costumes da vida urbana e rural, no folclore, na música, nas artes e na literatura, influência essa que conseqüentemente vem-se intrometendo no léxico através de um bom número de vocábulos tomados às coisas do culto ou a êle relacionados, não só na linguagem familiar e literária, como na linguagem comercial, das propagandas, destacando-se a cidade do Salvador onde o candomblé e a cozinha afro-baiana fazem parte de qualquer roteiro turístico, e há nomes de hotéis Oxumaré, Iemanjá, Oxalá, Xangô, Iansã; de modernos edifícios de apartamentos Omolu, Oxum, Airá, Carimbamba, Nanã; de postos de gasolina Oxóssi; de restaurantes e bares Saravá, Iansã, Dendê, Ogum, Maculelê, Munzuá; sem citar nomes tradicionais de ruas como Bozó, Dendê, Alaqueto, Bonocó, Nagô Tedô. Predominam nomes do panteon iorubá, cuja cultura realmente continua a gozar de grande prestígio entre nós.

No Recôncavo, porém, o quadro se modifica e a contribuição é evidentemente de origem congo-angola e moçambique. A par de cada aspecto folclórico, encontra-se um vocabulário próprio de interesse filológico e histórico de grande influência africana. Nos cânticos de trabalho, nas colheitas de feijão, milho, mandioca, cana, fumo, ouvem-se entre outras palavras como *biatar* (joeirar), *fubamba* (o bagaço da cana), *matumbo* (cova), de procedência quimbundo, ao lado do ciclo de estórias de influência africana, como o do *bicho quimbundo*, do *gonguê*, devoradores de crianças. (V. Souza Carneiro, *Mitos Africanos no Brasil*, Cia. Editora Nacional, 1937, Coleção Brasileira).

Embora a contribuição vocabular das línguas do Congo, de Angola e de Moçambique tenha sido muito mais extensa na Bahia, como de resto no Brasil todo, a influência religiosa, contudo, é mais acentuadamente de origem nagô, cuja língua por isso mesmo já começa a levar vantagem sobre as outras difundindo um número sempre crescente de vocábulos na linguagem popular da Bahia e de "africanismos" no Português do Brasil.

Concluindo.

Na mesma proporção que a influência morfológico-sintática vai desaparecendo com a ação niveladora da escola, aumenta a contribuição vocabular das línguas africanas ao Português do Brasil. Cresce com o prestígio dos cultos religiosos afro-brasileiros, ou candomblés, não mais sujeitos a sanções policiais como antes. E dêesses cultos, da "gente-de-santo", tem partido um número cada vez maior de "brasileirismos" de origem africana que terminam fatalmente por ser incorporados ao léxico da Língua, à medida que os falares regionais brasileiros são estudados. Aos cultos religiosos afro-brasileiros, à "gente-de-santo", se deve uma boa parcela de contribuição ao léxico da Língua Portuguesa em geral, contribuição essa que vem tornando a Língua no Brasil mais variada e expressiva, dando-lhe uma fisionomia própria, que pode ser considerada definitiva e em via de acentuar-se.

THE SURVIVAL OF THE AFRICAN LANGUAGES IN BRAZIL

"The survival of the African languages in Brazil: their influence upon the everyday speech of Bahia" is the original title of the work presented by Y.P.C. to the II International Congress of Africanists (Dakar, December 1968).

The Author — a Linguistic Researcher in the Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia — emphasizes 3 points.

a) In Brazil, two kinds of African influence must be distinguished — the religious and the linguistic one.

b) the linguistic influence lies mainly within what she calls lexical influence.

c) the archaist aspect of the African languages which were spoken in Brazil has given to the Bahian everyday speech a much more archaist feature than the other Brazilian speeches have.

She carries out an historical study about the African slavery in Bahia, since the very beginning of the trafic, in connection with the History of the Brazilian Portuguese, pointing out the Yorubá (from Nigeria and Dahomey) influence in the Capital city of Bahia and the Bantu one in the area called "Reconcao".

On the other hand, the author tries to show that from the African and Brazilian religious cults, or "candomblés", has come out the majority of the so-called "Africanisms" of the Brazilian Portuguese largely used in Salvador, the Capital city of Bahia.

LA SURVIVANCE DES LANGUES AFRICAINES A BAHIA

La survivance des langue africaines à Bahia: leur influence sur la parole quotidienne de Bahia, c'est le titre original d e l'Ouvre présentée par. P. C. au II Congrès International d'Africanisies, Dakar, décembre 1968.

L'auteur — professeur de la Recherche Linguistique ao Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia — signale trois points:

a) Au Brésil, ou doit distiguer deux espèces d'influence africaine — l'influence religieuse et l'influence linguistique.

b) Au trouve l'influence linguistique surtout dans ce quelle appelle d'influence lexicue.

c) L'aspect archaïque des langues africaines parlées au Brésil, a donné à la parole quotidienne du Bahien un trait bien plus archaïque que celui des autres paroles brésiliennes.

Elle réalise une étude historique sur le trait des esclaves africains à Bahia, depuis le commencement du trait, en rapport avec l'histoire des Portugais Brésiliens, en faisant ressortir l'influence yorubá (en Nigérie et au Dahomey) dans la ville capitale de Bahia, et celle du Bantu dans l'aire surnommée "Reconcao".

A son tour, l'auteur essaie de montrer que la majorité des ces "africanismes" du portugais-brésilien usés dans une large mesure à Salvador, ville capitale de Bahia, était importé des cultes religieuse africains et brésiliens, ou "candomblés".